



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de celebração dos 150 anos da cidade de Aracaju e assinatura
de atos entre o governo federal e a prefeitura de Aracaju**

Aracaju-SE, 18 de março de 2005

Excelentíssimo senhor João Alves Filho, governador do estado de
Sergipe,

Meu caro companheiro Humberto Costa, ministro da Saúde,

Meu companheiro Olívio Dutra, ministro das Cidades,

Meu caro ministro Carlos Brito, do Supremo Tribunal Federal,

Meu querido companheiro Marcelo Deda, prefeito de Aracaju, e sua
companheira Eliane Aquino,

Ministro César Rocha, do Superior Tribunal de Justiça,

Dom José Palmeira, Arcebispo de Aracaju,

Desembargadora Marilza Maynard Salgado de Carvalho, presidente do
Tribunal de Justiça,

Meus queridos companheiros deputados estaduais, deputados federais,

Meu querido companheiro Jorge Mattoso, presidente da Caixa
Econômica Federal,

Meu querido José Eduardo Dutra, presidente da Petrobras,

Meu caro Edvaldo, nosso querido vice de Aracaju e sua companheira,

Vereador José Ramos da Silva, presidente da Câmara Municipal,

Nossa querida companheira Alexandra, secretária do Patrimônio da
União,

Meus amigos,



Minhas amigas,

Meus companheiros e minhas companheiras de Aracaju. Permitam-me chamá-los de companheiros e companheiras, porque foi assim que nós nos conhecemos.

Eu estava ouvindo o companheiro Marcelo Deda falar e estava me lembrando que venho a este estado e a esta capital desde as eleições de 1982. Participo de todas as campanhas. E eu me lembro de uma campanha memorável, que foi a primeira campanha do Marcelo Deda, candidato a prefeito de Aracaju, em 1985, ainda muito menino, 20 anos atrás, portanto. Ele era muito garoto, recém-saído da universidade. E talvez tenhamos feito aqui, nesta cidade, a mais bela campanha – eu não participei da última – mas uma das mais belas campanhas que nós fizemos no Brasil, porque, embora o Deda soubesse que era difícil ganhar as eleições, o dado concreto é que, pela primeira vez, a juventude tinha entrado numa campanha tendo, num candidato a prefeito, o seu representante mais importante daquela época.

E o Deda não ganhou. Mas, a partir daquele momento, Aracaju ganhou uma liderança política, ganhou uma referência política que, depois, foi deputado estadual, que depois perdeu as eleições e que, depois, soube, com muita humildade, levantar a cabeça, voltar a ser deputado federal, ser candidato a prefeito, ganhar as eleições e ser reeleito com o reconhecimento extraordinário do povo desta cidade.

Eu, aqui, participei de campanha com o companheiro Jacques Barreto, participei de campanha com o Gama, participei de campanha com o Valadares. E todas as vezes que eu vinha aqui, eu sentia que essa cidade tinha uma coisa muito importante: conseguia visualizar na cara de cada homem e de cada mulher, um desejo muito grande de mudar, cada vez mais, a situação da sua cidade para melhor. Não se via, em nenhum comício, sinal de desesperança, de desalento, por parte das pessoas. E eu acho que isso combina com a



história que o Marcelo Deda contou aqui, da trajetória do povo de Aracaju, nesses seus 150 anos.

É muito importante, para mim, estar aqui quando Aracaju completa 150 anos, esta cidade que, em 1989, 1994, 1998 e 2002... se dependesse de Aracaju eu já teria sido presidente da República em 1989.

Mas eu queria aproveitar, companheiro Marcelo Deda, para dizer a você que nesses dois anos de governo ainda estamos muito longe de fazer tudo aquilo que motivou a gente a participar da vida política do país. Mas estou consciente de que estamos dando os passos certos para que o Brasil tenha um crescimento econômico e uma política de distribuição de renda que sejam uma coisa constante, que sejam um ciclo duradouro, por muito tempo, e não sejam aquelas fantasias ou ilusões em que, muitas vezes, as pessoas vão dormir com muita esperança e acordam, no outro dia, sufocadas no desespero.

O Brasil, hoje, Marcelo Deda, só para você ter noção do que aconteceu nesses dois anos, nós tomamos como decisão primeira fazer um processo de integração da América do Sul, partindo do princípio de que se nós conseguíssemos unir os países com uma certa similaridade, com uma certa proximidade e com condições econômicas mais ou menos parecidas, nós iríamos ganhar força para as negociações nos fóruns internacionais.

Sabe o povo brasileiro que o Mercosul estava praticamente destruído quando nós assumimos. Havia uma descrença que o Mercosul não daria certo e, dois anos depois, não apenas o Mercosul está consolidado enquanto um bloco econômico, comercial, político, como toda a América do Sul se juntou e nós criamos a Comunidade Sul-Americana de Nações, o que é um passo importante para que toda a América do Sul esteja filiada ao Mercosul. Isso significa que, nesses dois anos, as nossas relações comerciais cresceram, só em 2004, 82% com a América do Sul.

Antes havia o hábito, no Brasil, o costume ou a cultura política, de que nós deveríamos manter relações apenas com os Estados Unidos e com a



União Européia e que o restante era pobre, a gente não deveria dar importância. Nós não precisamos brigar com os Estados Unidos, não precisamos brigar com a União Européia, e a experiência que eu trouxe do movimento sindical é que, quanto mais parceiros você tiver, mais você tem chance de ocupar espaço num mundo globalizado, onde o poder econômico e o poder tecnológico têm determinado as regras e as conquistas dos países no mundo inteiro.

E nós, então, fizemos uma opção pela unidade política do Continente. Isso fez com que nós criássemos o G-20 lá em Cancun, onde participam China, Índia, África do Sul e quase todos os países da América Latina. Com esse bloco, nós estamos partindo para disputas comerciais na Organização Mundial do Comércio e temos tido vitórias muito importantes.

Recentemente ganhamos, na OMC, a questão do subsídio ao algodão americano. O governo americano subsidia o seu algodão, torna-o mais barato, prejudica os países mais pobres, sobretudo os africanos, e nós conseguimos na OMC uma vitória extraordinária, favorecendo não apenas o Brasil, mas os países africanos, sobretudo muitos que têm no algodão a base da sua economia. Muita gente dizia que não íamos ganhar; na hora em que nós topamos a briga, nós ganhamos e está consolidado. Ganhamos a briga do açúcar com a Europa. A Europa tem um subsídio muito grande ao açúcar. Nós entramos com um processo na Organização Mundial do Comércio, diziam que a gente não ia ganhar e que era loucura enfrentarmos um bloco econômico como a União Européia. Ganhamos e, mais recentemente, ganhamos a questão do frango salgado, que a União Européia entendia que não era carne.

Essas três vitórias nossas são um marco decisivo para consolidar uma coisa que eu disse na minha primeira viagem internacional: nós haveremos de mudar a geografia comercial do mundo se a gente souber fazer parceria com países que têm pensamentos estratégicos como o Brasil para enfrentar os dois blocos que são hegemônicos no mundo: de um lado, os Estados Unidos, e de



outro, a União Européia. E nós estamos conseguindo isso, eu diria, até com uma certa facilidade, porque o mundo descobriu que graças à unidade de países, como Índia, China, Brasil, México, Argentina, África do Sul, a gente está conseguindo unificar outros países menores que vêm, no nosso comportamento, uma representação sua.

E hoje, Deda, eu poderia te dizer, com a experiência que eu tenho, que poucas vezes na sua história, o Brasil teve a respeitabilidade internacional que está tendo, e é por isso que nós conseguimos, no dia 2 de março, agora, bater o recorde de todos os tempos da história do Brasil, exportando 100 bilhões de dólares e tendo o superávit comercial de 36 bilhões de dólares, coisa que muita gente imaginava que nós só iríamos atingir em 2010. Atingimos no segundo ano de governo e vamos caminhar agora para, quem sabe, 112, 115 bilhões, ou seja, nós ultrapassamos a casa dos 100, agora nós queremos muito mais. Nós temos consciência de que podemos e temos consciência de que vamos conquistar.

E o que significa isso? Significa que nós tivemos, Marcelo Deda, um crescimento na nossa economia de 5,2% no PIB de 2004, quando muitos analistas diziam que nós não iríamos ultrapassar um crescimento de 3,5%. Isso significa a geração de 2 milhões de novos empregos com carteira profissional assinada, o maior número desde 1992. Desde 1992 que não se criava esta quantidade de empregos.

Mais importante ainda, Marcelo Deda, é o crescimento industrial. Nós crescemos no ano passado. Somente em 1986 é que o Brasil teve um crescimento acima do que nós crescemos em 2004, numa demonstração de que o acerto das nossas determinações de fazer com que, de um lado, a gente controle a inflação e, de outro lado, a gente facilite os investimentos, sobretudo dos bancos públicos, para a indústria brasileira crescer, tem dado o resultado que nós estávamos esperando.



A nossa idéia e a nossa fixação é não permitir que o processo eleitoral atrapalhe o que nós estamos fazendo porque no Brasil, muitas vezes, por conta de uma eleição, o governante se deixou levar pela facilidade do voto, gastou o que não tinha, permitiu que acontecessem coisas que não deveriam acontecer, ganhou as eleições e não conseguiu governar depois. Eu digo todo santo dia: eu não tenho que governar pensando na próxima eleição; eu tenho que construir a solidez de uma política econômica e social capaz de dar frutos para os nossos netos daqui a dez ou 15 anos, para que o Brasil não jogue fora a oportunidade de se transformar numa economia forte, de se transformar num país definitivamente desenvolvido e que o seu povo possa ganhar, definitivamente, a cidadania.

Eu dizia ao Governador, no Aeroporto: o que nós colocamos de dinheiro em circulação neste país, nesses dois anos, possivelmente nem os bons economistas do nosso país imaginavam que fosse capaz de o chamado “crédito consignado” ter o sucesso que teve no ano passado. Foram praticamente 14 bilhões de reais que o trabalhador conseguiu, ter acesso no banco, com desconto em folha, para pagar menos de 50% do juro que habitualmente ele estava pagando. Foi a aprovação do Estatuto do Idoso, que estava há 13 anos no Congresso Nacional, que colocou mais 3 bilhões de reais no mercado brasileiro.

Foi o programa Bolsa Família que, aqui em Aracaju, deve ter por volta de 16 mil famílias recebendo, foi o Bolsa Família que chegou a colocar 7 bilhões de reais para circular neste país.

E agora, Marcelo Deda, entre os aposentados, e agora vai entrar o micro-crédito, muito fortemente, para que a gente possa fazer com que a economia brasileira não fique dependendo apenas de possíveis dinheiros de fora que venham para cá, ou da vontade dos grandes investidores. Nós queremos que venham para cá todos os recursos do mundo, queremos que os nossos investidores invistam quanto quiserem, mas nós precisamos criar uma



economia baseada na capacidade de financiamento que o Estado brasileiro tem que dar para aqueles que, sendo brasileiros, querem se transformar em microempresários, em pequenos empreendedores e fazer da sua criatividade, com um pouco de ajuda do Estado, um meio de sustentar a si e a sua família.

Começamos 2005 numa situação que eu poderia dizer “de boa” para “ótima”. Governador, eu dizia antes da campanha que se eu não fizesse pelo Nordeste o que precisa ser feito, dificilmente outro governo iria fazer. Este mês, possivelmente no final do mês, ou no mês de abril, nós estaremos viajando pelo Brasil e inaugurando plantas do biodiesel. O biodiesel será produzido sobretudo na região do Nordeste e, sobretudo, no semi-árido da mamona, para que a gente possa permitir a geração de empregos nas regiões mais pobres do país e dinamizar a economia das regiões que têm menos possibilidade de crescimento econômico.

Está aqui o meu querido companheiro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobras. Este companheiro sabe que quando nós decidimos fazer o biodiesel criamos um grupo de trabalho com a Petrobras, e eu disse ao José Eduardo: o petróleo é uma coisa tão extraordinária no mundo de hoje, mas, ao mesmo tempo, o Brasil está subordinado ao preço internacional e a gente não tem controle do preço interno, que nós vamos ter que transformar o petróleo numa coisa maravilhosa para exportar. E eu sonho que o biodiesel possa, um dia, ser utilizado nos carros, nas ruas de Aracaju, nas ruas de São Paulo, porque o biodiesel é menos poluente que o óleo diesel, é mais econômico, é mais gerador de emprego e, quem sabe, a gente vá ganhar mais dinheiro com o petróleo, exportando um pouco mais do que nós já exportamos hoje.

Mas não é apenas isso. Era para termos dado ordem de serviço ao começo da BR-101 Nordeste este mês, mas por uma decisão do Tribunal de Contas da União, que exigiu mudanças no projeto, vários senadores do Nordeste foram, anteontem ao Tribunal de Contas discutir para que a gente apresse. E nós vamos dar ordem de serviço, a começar do Rio Grande do



Norte, Paraíba, Pernambuco, depois Sergipe, Alagoas, até à Bahia, para que a gente transforme o Nordeste brasileiro num pólo mais atraente para o turismo do que ele já é hoje. E nós sabemos que com essa BR-101 duplicada vai crescer muito a possibilidade de desenvolvimento do Nordeste brasileiro.

Vamos, também, realizar um sonho antigo do Nordeste, que existiu e foi destruído, que é a Transnordestina, ligando uma parte do Nordeste ao Porto de Pecém, no Ceará, para que possamos fazer com que o Nordeste brasileiro não seja mais visto, em lugar nenhum do mundo, como a região que manda pobres para a parte mais rica do Brasil.

Nós queremos transformar o Nordeste brasileiro num centro de atração de capitais como foi, no começo da década de 40, a região Sul do país. E nós sabemos que para o Nordeste se transformar nisso, nós precisamos ter o dedo do Estado, ter investimento público, criar a infra-estrutura necessária para que o Nordeste brasileiro deixe de ser visto, por mais um século, como a parte mais pobre do país. Eu, que sou nordestino, que vivi em São Paulo desde os sete anos de idade, sei qual é o preconceito jogado contra o nordestino em outras regiões do país. E quando a gente vem a Aracaju e conhece um pouco da história desta cidade é que a gente tem que olhar para cima e dizer: o nordestino não deve a ninguém – nem na vontade de trabalhar, nem na sua capacidade intelectual, nem na sua inteligência – a nenhuma outra praça deste país, porque nós produzimos parte dos grandes homens deste país.

Por isso, meu querido Marcelo Deda, não poderia haver um dia melhor para estar aqui do que no aniversário da cidade, que foi ontem. Mas como você não me convida para a festa, só me convida para trabalhar, eu vim hoje aqui para trabalhar, porque ontem era festa. Ontem, teve até Leonardo, teve “não sei quem”. Se eu viesse ontem eu ia ter que cantar, para ver quem canta melhor: eu ou o Leonardo. E eu resolvi não causar problema para ele, porque aquilo é o ganha-pão dele, o meu ganha-pão é trabalhar.

E Aracaju não está recebendo favor da União, não. Eu quero deixar



claro: o que nós fizemos, aqui, os protocolos que nós assinamos aqui são, na verdade, apenas o reconhecimento de que os Próprios da União, que estão no município, quanto mais nós pudermos passá-los para os municípios, melhor.

Foi por isso que, em 2003, Marcelo Deda me ligou dizendo que tinha um terreno da Aeronáutica aqui, com 2 milhões e 200 mil metros quadrados, pedindo o terreno. Nós conseguimos o terreno, aí o Marcelo Deda falou: “agora preciso de dinheiro para a gente fazer as casas”. Agora, o Olívio Dutra vai ter que arrumar um pouco de dinheiro para fazer as casas.

O ministro Humberto Costa falou, aqui, da política de saúde bucal. Eu aprendi a pegar gosto pela política de saúde bucal aqui, no Nordeste. Eu nunca me conformei em ver uma menina de 18, 19 anos de idade, ou um menino... muitas vezes, num comício, a gente ia conversar e as pessoas tinham medo de conversar, porque já faltavam os dentes da frente.

Eu pedi ao ministro Humberto Costa que pensasse num programa, mas que não fosse um programa pequeno, que fosse o maior programa de saúde bucal da história deste país. E ele, então, com a sua equipe, criou o Brasil Sorridente. Nós vamos criar, até o final do ano que vem, 400 centros de saúde bucal no Brasil, cada centro vai atender uma região de 500 mil habitantes e as pessoas serão tratadas com horário marcado pelo telefone; as pessoas poderão fazer tratamento de canal, as pessoas poderão fazer correção nos seus dentes – até hoje, só uma parte da classe média/alta é que pode fazer – o pobre não pode fazer e nós vamos garantir que o pobre tenha a mesma oportunidade de fazer o tratamento. E, sobretudo, vamos garantir às pessoas que não têm dentes, que têm mais de 60 anos, o direito a uma prótese de qualidade, não aquela que se distribui em época de eleição, sem medir sequer o tamanho da boca, mas uma prótese que a pessoa vá ao protético, faça tudo o que tiver que fazer e volte para casa podendo conversar, rir com seus filhos e, porque não dizer, até para namorar fica mais fácil se tiver as coisas todas no lugarzinho certo.



Além disso, eu pensei que o Humberto Costa iria falar, eu não sei se Aracaju já tem mas, se não tiver, nós vamos dar um jeito de fazer, que é a Farmácia Popular. Nós já estamos com dezenas de Farmácias Populares em algumas cidades, garantindo que uma parcela da população tenha acesso a remédios até 80% mais baratos do que numa farmácia comum. E alguns remédios, aqueles que são mais utilizados para hipertensão, para diabetes, o ministro Humberto Costa está fazendo convênio com as redes de farmácias particulares para que esses remédios sejam vendidos com descontos razoáveis, porque são remédios de uso contínuo, as pessoas têm que tomar todo santo dia, e não é justo que deixem metade do seu salário para comprar remédio no final do mês. Então, nós vamos tratar de trabalhar para que a saúde não seja um privilégio de quem tem dinheiro, mas que seja, definitivamente, entendida como uma obrigação do Estado brasileiro garantir, dos mais pobres aos mais ricos, o direito de ser tratado com respeito e dignidade.

Muito obrigado, meus companheiros e meus parabéns para Aracaju. Eu espero estar vivo para vir comemorar, aqui, os 200 anos desta cidade.